



Emprego, dinheiro e novos desafios levam mais engenheiros a emigrar

Até Julho, Ordem dos Engenheiros contou 436 profissionais emigrados, quase os mesmos que em 2012. A manter-se o ritmo, país poderá ter de passar a "importar" engenheiros

Migrações Mariana Oliveira

Emigrar não fazia parte dos seus planos de vida, mas a crise trocou-lhe as voltas e na próxima década o engenheiro civil Nuno Teixeira, 38 anos, não vê maneira de regressar. "Toda a situação actual do país e da Europa faz com que o mercado da construção esteja em forte recessão. Em Portugal não vai haver condições para regressar tão cedo", acredita.

Não é o único. A Ordem dos Engenheiros (OE) contabiliza 436 profissionais que emigraram para o estrangeiro entre 1 Janeiro e 31 de Julho deste ano. O número traduz um aumento considerável face ao ano passado. Em 2012 a ordem emitiu 452 declarações para trabalhar fora de Portugal. Em 2011 foram apenas 207. A OE admite, contudo, que os números pecam por defeito, já que há quem emigre sem contactar a instituição.

O aumento das saídas preocupa o presidente da secção regional do Norte da ordem, Fernando de Almeida Santos. "Se a curto prazo a saída de engenheiros é benéfica porque gera emprego, a médio prazo é um problema porque pode fazer de Portugal um país importador de engenheiros, quando estamos a desperdiçar a nossa mão-de-obra especializada e a não usufruir do investimento que foi feito na sua educação pelo Estado", sustentou o responsável, numa nota divulgada este mês.

Mas nem todos saem por causa do desemprego. Há quem, como Tiago Almeida, 29 anos, procure simplesmente novos desafios. Igualmente engenheiro civil, estava a trabalhar num gabinete especializado em estruturas, no Porto, quando decidiu emigrar. E ao longo de seis meses, ainda a trabalhar, preparou a mudança radical para o outro lado do mundo: a Nova Zelândia. Seduzido em parte pela vanguarda da engenharia sísmica. Chegou em Agosto de 2012, já com um emprego na bagagem.

"Tive várias ofertas e a oportunidade de escolher. Aqui há um défice

de engenheiros e a procura é muito maior que a oferta", explica. Pelo menos este ano a palavra crise parece ter saído do seu vocabulário. "É uma palavra que aqui não se usa. Nem cá chegam as notícias sobre essa realidade", constata.

O último ano foi bem diferente para Nuno Teixeira. Com 14 anos de experiência profissional, a falência da empresa onde trabalhava arrastou-o para o desemprego em Março. Uns meses antes tinha sido a vez da mulher, que partilha o mesmo ofício. "Num casal não podem estar os dois sem trabalho", sublinha. Especialmente quando há dois filhos pequenos na equação do dia-a-dia. Por isso, lançou-se na procura de emprego lá fora. Hoje, diz que se soubesse as condições que iria encontrar até poderia ter emigrado mais cedo.

Um amigo deu-lhe a conhecer a multinacional holandesa onde hoje trabalha e após um rigoroso processo de selecção conseguiu um lugar na Indonésia. "Primeiro fizeram-me uma entrevista telefónica para aferir a minha capacidade de me expressar em inglês. Depois fizeram-me exames psicotécnicos e de avaliação do QI. No fim fui sujeito a quatro entrevistas presenciais". Já tinha passado por várias empresas, mas em nenhuma o escrutínio foi tão apertado.

Com Ricardo Correia, um engenheiro informático de 29 anos, o impulso veio de fora. Mais concretamente de uma empresa informática irlandesa que o contactou através do LinkedIn, um rede social que permite partilhar currículos. A firma onde trabalhava desde 2008 está a atravessar dificuldades e Ricardo Correia já viu colegas a serem despedidos. Talvez por isso tenha olhado de outro modo para a oportunidade, apesar de nos seus planos a saída estar projectada só para depois de terminar o mestrado. Quería emigrar porque estava farto "de ser o moço dos sete recados". "Em Portugal somos pau para toda a colher e não dá para ter uma especialização", lamenta. O salário, quatro vezes superior ao que tinha cá, fez o resto.

O recrutamento foi praticamente todo feito através da Internet. En-



No topo do rol das desvantagens, os engenheiros que emigraram queixam-se da distância da família e amigos

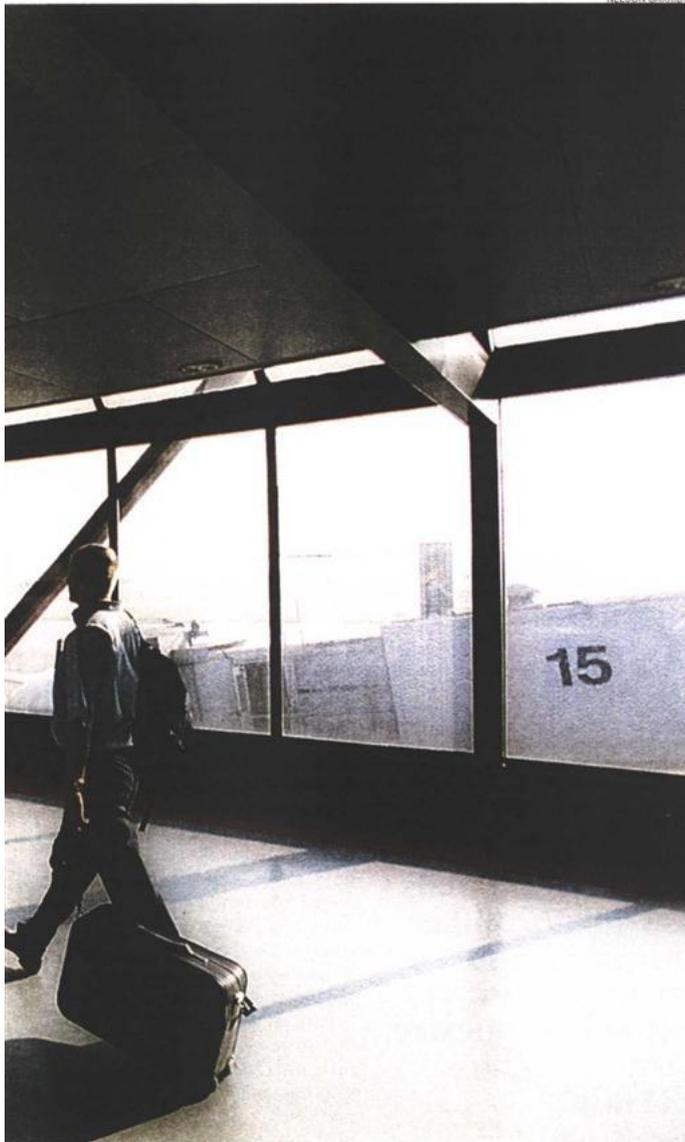
Ricardo Correia estava farto "de ser o moço dos sete recados". O salário, quatro vezes superior ao que tinha em Portugal, fez o resto

trevistas técnicas e um teste prático remoto foram suficientes para uma selecção bem sucedida. "Pagaram-me a viagem e o alojamento para ir a Dublin. Quando cheguei, passados cinco minutos puseram-me o contrato de trabalho à frente".

Já Tiago Almeida não foi sequer sujeito a provas e não houve praticamente componente técnica na entrevista que o director da empresa onde trabalha actualmente lhe fez pelo Skype. "Deram mais importância à componente pessoal e a saber se já tinha viajado e vivido noutras sítios. Preocupam-se muito com a integração", afirma. Quanto ao resto, o director tranquilizou-o: "Aquilo

que não souberes, aprendes cá". Há um ano a trabalhar em Auckland, a maior cidade da Nova Zelândia, sente que o desafio profissional tem sido superado. "A minha formação base na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto é de um nível bastante superior à média que vejo aqui, o que me permite abordar qualquer problema com tranquilidade", diz.

Nuno Teixeira chegou há muito menos tempo à Indonésia e ainda anda às voltas com o inglês técnico. Mesmo assim garante que a adaptação foi muito fácil. Está há cerca de mês e meio na ilha de Java, mais concretamente em Cilegon, uma ci-



dade a 100 quilómetros de Jacarta. "Aqui dão-nos muito mais condições porque acreditam que se nos sentirmos bem, trabalharemos bem". Está num ambiente multicultural e trabalha maioritariamente com holandeses, ingleses e irlandeses. Partilha uma moradia, num condomínio fechado, com um colega e para se deslocar tem carro com motorista. "O trânsito aqui é caótico. Inimaginável! Por isso, não estamos autorizados a conduzir. Temos carros com motoristas locais", explica.

Para além do desconforto que lhe causa a presença assídua de lixo nas ruas, o principal choque cultural que enfrentou teve que ver com

a altura em que chegou: em pleno Ramadão. Uma experiência potenciada por estar no maior país muçulmano do mundo. "Nessa altura eles só comem antes do amanhecer e à noite. Nós almoçávamos, mas tinha que ser em privado. Para ninguém nos ver".

O confronto com culturas diferentes também faz parte do dia-dia de Tiago Almeida. No trabalho contacta com naturais da Samoa, do Japão, da Argentina ou da Papua-Nova Guiné. E isso, diz, é enriquecedor, mas também exigente. "Há muitas especificidades culturais e, às vezes, no trato profissional é difícil saber como abordar as pessoas

nas diferentes circunstâncias". Além disso, há hábitos que ainda lhe custam a absorver, como o de almoçar em menos de meia hora à frente do computador. "As pessoas trazem a comida de casa e normalmente a refeição é muito rápida".

Ricardo Correia está há pouco mais de uma semana na capital irlandesa e também já se queixa das rotinas alimentares. "O almoço é uma sande a meio do dia e mais nada", diz, num tom desconsolado. Mas isso não apagou o impacto positivo da recepção. A empresa destacou uma pessoa para o apoiar na adaptação e foi-lhe entregue um manual de instalação com inúmeras informações úteis. Aprecia a organização da empresa e é com orgulho que anuncia: "Já tenho o trabalho das próximas semanas todo planeado". A par disso destaca as boas condições de trabalho, a maior autonomia dos funcionários e a flexibilidade de horários. "O importante são os resultados", resume.

Nuno Teixeira também encaixa bem neste tipo de mentalidade, por isso, aconselha aos engenheiros civis a procurarem empresas do Norte da Europa. "As condições são muito boas. Trabalho três meses e tenho direito a três semanas de férias", exemplifica. "Em Portugal há empreiteiros que se aproveitam da crise e mandam pessoas para fora em condições miseráveis".

Para todos, no topo do rol das desvantagens está a distância dos mais próximos. "O mais difícil de gerir são as saudades da família", reconhece Nuno Teixeira. Por isso, já instituiu o ritual do Skype. "Todos os dias faço questão de falar com os meus filhos". Tiago Almeida usa o mesmo método, mas como o fuso horário complica os contactos concentra-os aos fins-de-semana. Mais perto da família, Ricardo Correia goza do privilégio das *low-cost*. Mesmo assim não prescinde das videochamadas: "O Skype compensa a distância".

Mas para matar saudades há soluções mais permanentes. A namorada de Tiago Almeida já foi viver para a Nova Zelândia e a separação familiar de Nuno Teixeira parece ter os dias contados. O trabalho na Indonésia não deverá prolongar-se por mais de seis meses e no horizonte já paira o Dubai. Se tal se confirmar, a mulher e os dois filhos devem juntar-se a Nuno. E a empresa financiará o alojamento, as viagens, os seguros para todos e até a escola dos miúdos.